

REFLEXÕES ACERCA DE UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO NA OBRA *A MÁQUINA DE SER* DE JOÃO GILBERTO NOLL

Prof. Dr. Antonio Rodrigues Belon¹ (UFMS)
Mestranda - Grassiani Bernardi Frederico² (UFMS)

Resumo:

Considerando a relevância dos estudos contemporâneos na nossa atualidade, pretende-se com esse trabalho realizar uma leitura da linguagem de João Gilberto Noll em A máquina de ser (2006), tecendo reflexões sobre um estilo literário que rompe os moldes e destaca essa nova visão do homem e da realidade em que se encontra, ou seja, a precariedade da posição do indivíduo no momento atual. O objetivo desse estudo é refletir sobre novas possibilidades de abordagens da sociedade brasileira representada pela ficção contemporânea em um momento em que o homem busca entender sua identidade, que transita cada vez mais do social para o individual em função das condições do tempo em que vive. Um tempo que obriga a Máquina de Ser – homem – funcionar. Pretende-se também contribuir para uma reflexão acerca da crítica ao homem e ao cotidiano contemporâneo, através de uma linguagem que retrata as tragédias existenciais do ser.

Palavras-chave: contexto contemporâneo, globalização, identidades em trânsito, imagens, transi-
vidades.

Introdução

Destacando a relevância dos estudos contemporâneos na nossa atualidade, pretende-se com esse trabalho realizar uma leitura da linguagem de João Gilberto Noll na obra *A máquina de ser* (2006), tecendo reflexões sobre um estilo literário que nos desequilibra, descarrila-nos da inércia, rompe os moldes e destaca essa nova visão do homem e da realidade em que se encontra, ou seja, a precariedade da posição do indivíduo no momento atual. O objetivo desse estudo é refletir sobre essa obra que projeta na imagética um redimensionamento do discurso na literatura contemporânea, refratando no narrador os reflexos das tensões existentes no mundo moderno onde nada é permanente ou se encontra acabado, tudo está em fluxo, em um eterno vir-a-ser. Essa proposta visa uma leitura da obra de Noll, através de uma análise sucinta da sua linguagem marcada por temas que instigam e inquietam o leitor mais acostumado com soluções prontas na literatura.

O Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, inicia um novo período de sua história, marcado pelo desenvolvimento econômico, pela globalização, pela democratização política e conseqüentemente, pelo surgimento de novas tendências artísticas e culturais. Principalmente nas últimas décadas, a cultura brasileira vivenciou um período de acentuado desenvolvimento tecnológico e industrial. A partir daí a cultura brasileira tem vivido sob o signo da multiplicidade seja na área política, social ou artística.

Como conseqüência, na literatura, a partir dos anos 70, houve uma verdadeira explosão editorial do conto, por ser uma narrativa curta, condensada e atender à necessidade de rapidez do mundo moderno. Novas dimensões foram introduzidas no conto tradicional: subversão da sequência narrativa, interiorização do relato, colagem de flashes e imagens, fusão entre poesia e prosa, evocação de estados emocionais. Esses estilos são utilizados na escritura de Noll com o objetivo de discutir sobre esse novo momento vivido pelo “ser”. Yves Reuter em seu texto *Introdução à análise do romance* nos ajuda a refletir sobre essa questão:

As transformações demográficas, econômicas, sociais e técnicas, que modificam o mundo e a existência, não deixam de ter repercussão no romance e nas diversas

narrativas. Essas transformações (...) modificaram radicalmente o espaço-tempo e sua simbolização no romance: velocidade, diversidade e multiplicidade substituíram duração, número limitado e convenções de lugares. (REUTER, 2004, p. 18; 19).

Assim a imitação da vida expressando novas circunstâncias impingidas à sociedade, o tempo sombreando e demarcando os passos do homem, ocasionou entender as narrativas no mundo moderno sob matizes diversos.

1 IDENTIDADES EM TRÂNSITO: REFLEXÕES EXISTENCIAIS EM UM NOVO CONTEXTO

Ao analisar a obra *A máquina de ser* (2006) de João Gilberto Noll, nos deparamos com personagens quase sempre anônimos, neutros, solitários e perdidos como se estivessem em um labirinto à procura de uma/sua identidade, que certamente tenha sido esfacelada e/ou dissolvida por esse mundo seduzido pelas máquinas, pela instantaneidade do tempo... Um mundo que não tem espaço para se cultivar valores e amizades: “O meu círculo era formado por apenas dois amigos já bem embotados”; “Ontem subira os oito andares por escada para não encontrar ninguém no elevador”. (NOLL, 2006, p. 144; 145).

Nessa obra, em meio à ação impensada de se despir das luvas e atirá-las ao chão, um personagem pode estar se livrando um pouco de si próprio, de sua identidade:

Vi me estonteado. Vi que uma das luvas mostrava o sangue que escorria agora tímido da fronte. Escutei a voz do diretor pedir-me que tirasse as luvas. Tirei-as, joguei-as no chão como se me livrasse um pouco de mim mesmo. Entrei nesse recinto escurecido. Na medida em que ia entrando, mais tudo escurecia... Chegou um ponto em que precisei como que rugir, arrancando de mim pela primeira vez um clamor que eu nem sequer conseguira em minha vida toda adivinhar. (id., 2006, p.13).

Esse estado de coisas em “convulsão” encontra eco nas palavras de Adorno em seu texto sobre a narrativa contemporânea:

Desde sempre (o romance, a narrativa) teve como verdadeiro objeto o conflito entre os homens vivos e as relações petrificadas. A própria alienação se torna para ele, nesse lance, um meio estético. Pois quanto mais os homens – indivíduos e coletividades – ficaram estranhos uns aos outros, tanto mais enigmáticos eles se tornaram, ao mesmo tempo, nas suas relações mútuas, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, o impulso propriamente dito do romance, passa a ser o esforço de captar a essência que, justamente na estranheza familiar posta pelas convenções, aparece, por seu turno, assustadora, duplamente estranha. O momento (...), sua dimensão metafísica, é ele próprio produzido pelo seu objeto real – por uma sociedade em que homens estão separados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo. (ADORNO, 1983, p. 270).

Assim, diante desse desencantamento do mundo, a busca de entender a identidade – espectro do homem desde o Romantismo – não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais. A identidade não é mais um estado permanente do ser individual, nem coletivo. Hoje, a identidade é um estado que se configura transitório, um retrato do espaço e do tempo em que o homem se move. Bauman (2005) afirma que estar em movimento não é mais uma escolha, agora se tornou um requisito indispensável.

As identidades dos sujeitos estão se transformando com as intensas modificações ocorridas no mundo. A questão da “identidade” passa pelo centro do “eu” do ser. A interação entre o “eu” e a sociedade que reflete a complexidade do mundo que cada sujeito habita é que vai influenciar o inte-

rior de cada sujeito. Stuart Hall, estudioso da pós-modernidade, nos ajuda a pensar essa questão. Para este teórico:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, o sujeito - que interage o seu “eu” com a sociedade - é confrontado por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais pode se identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2004, p. 13).

Este estudioso sintetizou, em sua obra como ocorreu a descentralização do sujeito na sociedade atual e a conceituação de “identidade” nesse momento de abruptas mudanças sociais.

Hoje, o homem busca entender sua identidade que diante de um mundo pós-moderno transita cada vez mais do social para o individual em função das condições do tempo em que vive. Um tempo que obriga a máquina de ser – homem – funcionar: “Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete”. (NOLL, 2006, p.122).

Os personagens de Noll, sem identidade, carregam um sentimento de angústias, perdas, sentimentos de negação e de orfandade diante da vida: “Quem teria sido eu antes daqui”. (id., 2006, p.66). O sentimento de pessimismo diante da solidão invade o indivíduo e não o permite mais viver: “Os carros passavam velozes naquele que era o primeiro dia de um ano do qual eu não alcançaria o fim”. (id., 2006, p.140). São andarilhos, seres anônimos que seguem compondo sua existência diante de fracassos, da solidão e da sensação dos limites do corpo e de sua deterioração. Na inércia dos personagens a dificuldade de identificar um outro a partir do qual possam afirmar a sua própria identidade faz com que sigam como sujeitos sem nome, sem história, presos a acontecimentos cuja significação se esgota em mera faticidade.

Seu narrador busca revelar os conflitos da existência humana onde a tal ‘máquina de ser’ é chamada a trabalhar em prol de uma resposta para todas as mazelas do ser diante de um mundo fragmentado e obscuro: “E que ele reconsidere essa pessoa aqui com suas particularidades, pois que ele também tem as suas, se é que estas já existam nele nesse estado avançado como em mim, que nada sou além dessa identidade a serviço das demais”. (id., 2006, p. 40).

Desse modo, o narrador de *A máquina de ser* pode encontrar ressonância nesse mundo fragmentado de hoje. Ele pode representar qualquer um ser ou todos ao mesmo tempo. Isso incomoda e estagna o leitor, uma vez que este normalmente procura na literatura um deleite, uma fuga para seus problemas. E quando entra em contato com *A máquina de ser* é surpreendido pelo narrador que o hipnotiza, carregando consigo diversos caminhos emaranhados do subconsciente, fazendo com que o leitor faça um mergulho em seu ser (ou seres?). Trata-se de uma nova posição entre narrador e personagem, posição esta que Adorno discute em seu texto:

O narrador ataca um elemento fundamental na sua relação com o leitor: a distância estética. Esta era inamovível no romance tradicional. Agora ela varia como as posições da câmara no cinema: ora o leitor é deixado fora, ora guiado, através do comentário, até o palco, para trás dos bastidores, para a casa das máquinas. (ADORNO, 1983, p. 272).

Em meio a esse movimento das câmeras é sob seu olhar (narrador) que acontece a narrativa, levando o leitor para os lugares mais sórdidos, mais ínfimos, desses que ele jamais estaria por vontade própria. Os contos quase sempre terminados em reticências e pontos de interrogação, deixam as histórias em aberto para as infinitas interpretações dos receptores diante dessa narrativa em movimento: “Em penumbra descemos silenciosos pela escada. Ao chegarmos ao saguão do hotel, acenderam-se as luzes, o que nos fez parar por um segundo e refletir... Será...? Na calçada já havia uma noite... Gelada...”. (id., 2006, p. 93). Benjamin em suas reflexões sobre o narrador afirma:

Metade da arte da narrativa está em evitar explicações onde o leitor é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (...) A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (BENJAMIN, 1994, p. 203; 204).

Nessa arte que é a narrativa, o narrador muitas vezes “homodiegético”, apresenta uma perspectiva passando pelo narrador, ou seja, ele (narrador) está presente na história que conta. De acordo com Reuter, ao trabalhar com a análise da narrativa, “essa instância não nos permite saber com certeza aquilo que se passa (e que se passou) na cabeça de outras personagens e restringe as mudanças de lugares ao trajeto de vida da personagem que narra”. (REUTER, 2002, p.82).

Através desse narrador anônimo, um ser que procura algo que não sabe o que, ao mesmo tempo foge de algo que não sabemos, num fluxo de ação furiosamente contínua, sua obra persiste na existência de um conflito concreto, entre as pessoas, entre as almas, além de aprofundar as inquietações de todos nós, seres em movimento. Apresenta o desespero com a insatisfação, o homem revoltado com a sua própria condição de (sobre) vivente.

Trata-se de uma narrativa surpreendente em que homem, mundo e linguagem se entrecruzam no espaço e no tempo, enfim na história:

(...) isso talvez me desse um apuro propício para me transformar em imagem... E por isso eu mais andava por todos os cômodos... e deles saía... Como se no próximo ponto eu pudesse adquirir a estatura de um signo, que por si só traduzisse o que aqueles dois que me seguiam não logravam transmitir sem mim... (NOLL, 2006, p. 12).

2 TRANSITIVIDADES NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: LINGUAGENS, IMAGENS, NOVAS ABORDAGENS

A transitividade de identidades na ficção brasileira contemporânea, é representada na obra de João Gilberto Noll, por um modelo de linguagem e estrutura que desestabiliza um leitor mais acostumado com soluções prontas e com a linearidade (começo-meio-fim/passado-presente-futuro) em perfeita recorrência na literatura. Anatol Rosenfeld em seu texto *Reflexões sobre o Romance Moderno*, afirma:

A dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a este tipo de (...) romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum. Trata-se, antes de tudo, de um desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum. (ROSENFIELD, 1969, p.79).

E nesse desmascaramento, o tempo (em constante mudança) é elemento comum na obra, daí se explica o título. E, sobretudo, o mundo como o grande filme. O tempo da instantaneidade e da velocidade da luz. Por isso, o texto dialoga com outras artes como o cinema, teatro, uma característica também da narrativa contemporânea. Como se pode comprovar nos trechos: “(...) enquanto a câmera me seguisse toda concentrada no meu itinerário gratuito por aquele casarão”; “(...) Aquele que parecia ser o diretor do filme vinha em minha direção”, e:

“Meus dedos estremeceram sob as luvas brancas. E a luz se fez de súbito, em holofotes, provavelmente sob o comando de um cara sem camisa, sim, o cineasta, um cineasta... Um jovem loiro deslizava a câmera por sobre o meu perfil, meu peito, minha calça preta, os sapatos”. (id., 2006, p. 10; 13).

A sensação de um filme, a impressão de que se está vendo as imagens e os movimentos que estão sendo narrados. Noll incorpora o cinema em seu próprio texto, transforma a linguagem fílmica num artifício literário a mais. Refletindo acerca da permanência das imagens na literatura, Costa Lima (2006) assente que, na epopéia, por exemplo, tínhamos as imagens congeladas em um tempo pretérito claramente delineado. Mesmo prenunciando o futuro ou na recorrência do passado, elas não se deslocavam para um tempo presente, modificando a estrutura do que se relatava. Esse prisma (das imagens) contrasta com as narrativas contemporâneas, nas quais surgem imagens distorcidas e enevoadas, construídas de fragmentos do real. Essa necessidade de rapidez e velocidade expressa por imagens, cenas e flashes instantâneos caracterizam esse novo “ser- máquina”.

Rosenfeld faz uma reflexão sobre esse novo tempo, onde a lógica, começo, meio e fim foi substituída por um turbilhão de fatos e acontecimentos sem ordem cronológica:

Nota-se no romance do nosso século uma modificação (...) que parece ser essencial à estrutura do modernismo. À eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, “os relógios foram destruídos”. (ROSENFELD, 1969, p.78).

Assim as mudanças radicais ocorridas ao longo dos tempos, na organização social, nos planos econômicos, político, cultural, interferem e alteram o estatuto e a percepção de múltiplos elementos no mundo real e nas narrativas. Desse modo, a noção de indivíduo emerge progressivamente. A pessoa (e a personagem) se singulariza, complexifica-se psicologicamente.

As frases longas (contos com um único parágrafo) fazem parte de uma tentativa de preencher um núcleo de ansiedade humana que precisa se movimentar. O humano tem pressa, especialmente num país como o nosso, onde questões essenciais são continuamente empurradas com a barriga. Daí a necessidade de uma locução que dê conta de todo esse movimento ao mesmo tempo, numa única frase, com a utilização de reticências, por tal compulsão ao simultâneo, ao agora, por tal compulsão de fazer da literatura uma arte em que convivam numa só sentença a sua negação e afirmação, o tempo passado, presente e futuro.

Com essa linguagem desmembrada, em que o correr frouxo dos períodos longos e de imagens profusas quase não permite divisar pontos de ruptura entre as orações, o texto de Noll reacende, em algumas instâncias, os procedimentos estilísticos desordenadores, utilizados na prosa moderna para dar conta das inquietudes do sujeito. Esse aspecto pode ser analisado na opção do narrador por uma identidade francamente indagadora do seu estoque de identificações.

No prefácio ao volume, *Romances e Contos Reunidos* de Noll, David Treece, do King's College, de Londres, afirma que Noll “destaca-se no meio da conformidade (como) uma voz disposta a enunciar um sentimento de insuficiência diante do real, a certeza de que a potencialidade humana está travada e de que seus desdobramentos possíveis não foram esgotados”. Noll escreve à mão, seguindo muitas vezes a pulsação do seu corpo “Meu físico como que pegava fogo, ardia, tamanha atmosfera de súbita liberdade”. (NOLL, 2006, p.13). Compõe textos em carne viva, diante de um turbilhão de frêmitos convulsivos:

Avançou alguns passos, tateou, tateou em vão... Precisava tomar algumas providências para aquele dia, mas já não se lembrava de quais. E que providências poderia tomar entre aquelas borbulhas que não eram exatamente de “amor” como dizia a canção? Pareciam, sim, borbulhas mais prosaicas, vindas de um princípio puramente físico, como quando a tela da televisão entra em colapso tornando-se pura turbulência, mais nada. (id., 2006, p.124).

Através das câmeras os relatos cinematográficos de João Gilberto Noll estão cheios de personagens calados, a quem só restou o olhar; e é o olhar que, de algum modo, os conduz a empreender um incessante movimento em busca de suas origens, de sua (s) identidade (s).

Sentimos nessa obra de Noll traços para uma escritura que acompanhe a intensidade dos movimentos e dos sentidos da sociedade contemporânea. Arrastamos as palavras das narrativas para arquitetar um conjunto de entendimentos sobre a vida social. A sua escrita delineia passos que avançam entre o pensado e o vivido, onde não é possível fechar-se entre portas e nem cerrar-se nas palavras. O escritor é um corpo de palavras, corpo tomado por uma errância que o torna informe, invisível talvez, não deixando em silêncio os momentos em que se olham no espelho da sociedade onde estão e não vêem, solo onde pisar e nem um rosto refletido, somente estilhaços do que são e do que foram. Percorremos a narrativa do escritor gaúcho articulando-a ao romance que tece a vida social, a pulsão dos sonhos e desejos que dão vida a esses seres.

Esse autor fala do ser humano, revela em suas páginas as imprecisões, os dramas humanos e lança nossos olhos que buscam histórias lineares com começo, meio e fim no embaraço de nossas contradições e tensões não resolvidas. Expõe as fragilidades do ser, caminha pelas trilhas de um território fluído da narrativa por onde escorrem a harmonia conflitual das interações humanas. Chama-nos a perceber nossa condição transitória de andarilhos, tocando com a sua poesia as feridas abertas e as dores latentes. No trecho abaixo, podemos sentir a indiferença com a vida diante de uma passagem que mostra a continuidade de um dia de um pai que acabara de perder um filho:

O esquife do meu filho era absolutamente igual aos demais. Agradei aos cinco caras que tinham transportado comigo os despojos para sempre. E decidi sair dali. Ao chegar na calçada verifiquei que o táxi de onde aflorava o meu sustento continuava ali. Entrei. Meditei se ia para casa ou continuava nele pegando meus eternos passageiros pelo que me restara do dia. Afinal soubera do acidente com o meu filho de manhã bem cedo... (...) Voltar para casa e ficar sondando debaixo da coberta o tamanho do desaparecimento? Então que eu fosse colher os passageiros que precisavam sim do meu serviço. E fui... (NOLL, 2006, p.18).

Tanto por um lado como por outro, o que vai se configurando através de uma escritura quase próxima do “real”, é uma idéia da literatura como uma expressão não estética, não literária. Enquanto que o “estar” no romance como na vida é o estado de espírito que gera frases como as de Clarice Lispector: “O que estou te escrevendo não é para se ler – é para se ser”. (LISPECTOR, 1993, p.42).

Nota-se como o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea e tem assumido formas de surpreendente variedade. Esse caráter plástico já desnorteou mais de um teórico da literatura ansioso por encaixar a forma-conto no interior de um quadro fixo de gêneros. O conto de hoje põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados. Segundo Bosi (1981), quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo.

Na obra de Noll, através desse estilo literário próprio (forma-conto) do momento contemporâneo, estão presentes elementos que condicionam e regulam as relações sociais no Brasil de hoje, o avanço do capitalismo, o ser-máquina, as relações entre os seres humanos, os problemas existenciais e tudo o que afeta o homem nesse novo meio histórico-social, turbulento egoísta, instigando o leitor para uma reflexão. Segatto em seu texto *Sociedade e literatura no Brasil* afirma:

Ao reinventar, simular, imaginar, construir o real, a produção literária gera, determinadas vezes, um conhecimento particular e que contribui para o desvendamento da essência mesma do processo histórico brasileiro. Muitos autores, por via da representação estética, apanham aspectos fundamentais que fundam e constituem essa realidade histórica concreta: excludente e antidemocrática, opressiva e repressiva, iníqua e discriminatória. (SEGATTO, 1999, p.221).

Dessa forma, pode-se afirmar que Noll é um exemplo de escritor que se preocupou em discutir literariamente problemas da experiência humana e conflitos sociais propondo uma perspectiva singular para a formação e humanização do homem. Seus textos em *A máquina de ser* (2006) são

elaboraões literárias que combinam elementos de ordem social com elementos de ordem estética, num trabalho artístico que rompe com as convenções tradicionais de linguagem e composição.

Assim, esse trabalho tem também o objetivo de mostrar que os textos deste autor propõem direta ou indiretamente, uma reflexão da sociedade, construída por meio da exploração não apenas de temas em destaque no cenário social, mas também da linguagem e da voz narrativa.

Com freqüentes referências ao contexto social, as narrativas se propõem a refletir sobre a sociedade por meio de uma linguagem que mescla denotação e conotação, o “real” e o surreal, o individual e o coletivo, mostrando como a literatura pode interiorizar a sociedade à sua própria estrutura estética.

Com narrativas elípticas que essencialmente sugerem, ao invés de dizerem, a obra explora as características do homem e da sociedade contemporânea de modo a representar na ficção uma realidade desajustada em que não há muitas possibilidades para a solução dos problemas enfrentados pelos sujeitos. Essa literatura que respira fundo a poluição existencial do capitalismo avançado caracteriza o conto de hoje, poliedro capaz de refletir as situações mais diversas da nossa vida real ou imaginária.

CONCLUSÃO

Na contemporaneidade, a transitoriedade que povoa algumas narrativas remete à introspecção e à anulação da identidade das personagens. Assim conjecturamos essas assertivas na obra “*A máquina de ser*” (2006), de João Gilberto Noll, que projeta na imagética um redimensionamento do discurso na literatura contemporânea, refratando no narrador os reflexos das tensões existentes no mundo moderno, ou seja, uma celebração, ainda que cruel, da existência.

Tais procedimentos constituem-se num meio de preencher o vazio do homem na busca do real a ser interpretado; uma busca que, neste caso, nunca é facilitada. Não se cria uma linha de apoio entre narrador, espaço, tempo e personagens, o que temos é uma escritura de desconforto no seu contexto existencial, as dúvidas e inseguranças diante de um mundo cada vez mais fragmentado.

A aceleração constante do tempo, a difusão da publicidade, tornam possível o contato, muitas vezes desordenado, de diversos modos de ver e pensar. A superabundância incessante de acontecimentos aponta para a impossibilidade de impor à vida uma ordem que esta mesma não oferece, o que irá repercutir nas produções artístico-literárias contemporâneas.

O termo contemporâneo que é, por natureza, elástico indica que somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural em constantes transformações, onde a relação leitor – obra – literatura, não se estabelece dentro de uma linearidade. Antonio Candido ajuda a pensar essa questão:

A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 1980, p. 84).

Reconhecer esse novo momento significa ver novas configurações históricas a exigirem novas estruturas artísticas na busca de uma “escritura” geral e onicompreensiva, que possa espelhar o pluralismo da vida moderna. Assim pode-se compreender um pouco desse sistema vivo de obras que é a literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- [2] REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução Ângela Bergamini... [et al.]. – 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- [3] ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. Traduções de José Lino Grünnewald... [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores) p. 269-273.
- [4] Cf. contracapa. BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- [5] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP& A, 2004.
- [6] BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lesklov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1) p. 197-221
- [7] REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- [8] ROSENFELD, Anatol. “Reflexões sobre o romance moderno”. In: _____. *Texto/contexto: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969, pp.73-95.
- [9] LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- [10] TREECE, David. Prefácio a NOLL, João Gilberto. *Romances e Contos Reunidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 10.
- [11] LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1993, p. 42.
- [12] BOSI, Alfredo. *O Conto Brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981.
- [13] SEGATTO, José Antonio e BALDAN, Ude. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- [14] CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980.
- [15] MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- [16] REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

¹ **ANTONIO RODRIGUES BELON - Prof. Dr. - ORIENTADOR**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)
arbelon@uol.com.br

Autor(es)

² **GRASSIANI BERNARDI FREDERICO – MESTRANDA**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)
grafrederico@hotmail.com